

Redações

Creuza Maria de Oliveira, da Bahia – Com o título “**Minha luta é para ver tornar-se real o sonho do trabalho doméstico decente**”, a redação narra a vida de uma órfã pobre do interior da Bahia que, aos dez anos, parte para Salvador aos dez anos, onde vai trabalhar “em casa de família” apenas por casa e comida. Até chegar a receber salário, passam-se muitos anos.

Hoje, ela é a líder das trabalhadoras domésticas brasileiras, como presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos (Fenatrad).

Eliana Aparecida da Silva Pintor, de São Paulo – A redação “**O direito ao narcisismo**” utiliza a psicanálise para discutir o preconceito contra os afro-descendentes. Emprega a metáfora do espelho para desnudar o preconceito: o significado do rosto materno para o desenvolvimento do bebê, a partir desta que é a primeira imagem da criança. Figurativamente, a sociedade é a grande mãe e o preconceito explode através do choque vivido pelo afro-descendente quando se percebe aquém dos desejos desta “mãe” – uma pátria que não reconhece seu rosto negro.

Glória Maria Gomes Chagas Sebaje, do Rio Grande do Sul – o trabalho “**O bullying e a criança negra na escola pública, até quando?**” relata o sofrimento de uma menina negra numa escola atingida pelo preconceito. Mostra como as crianças viveram esse problema e o fato de muitas carregarem o estigma durante suas vidas. Porque o *bullying* é a continuidade do “*apartheid*” que acompanha a população negra.

Marisol Adelaide Correa (Marisol Kadiegi), de Angola – Em “**Do luto à luta: a história de três continentes marcados pelo racismo**”, a angolana Marisol Kadiegi foge da guerra, exila-se em Portugal e, finalmente, chega ao Paraná como empregada doméstica. O estudo é sua moeda de troca com a patroa. É por meio dele, que, depois de fugir para Cuiabá (MT), passa a trabalhar em escritório. Em Brasília, forma-se em jornalismo, contata a embaixada de Angola e revê a família. Hoje, é repórter na TV angolana.

Raquel Trindade de Souza, de Pernambuco – “**Minha infância**” retrata a pernambucana filha de militante e poeta negro. Sua dura rotina diária incluiu a história de uma ativista, na qual as dificuldades impunham merenda à base de mate com angu, motivo para que todas e todos ali fossem cruelmente apelidados de “mate com angu”. Hoje, ela é artista plástica, carnavalesca, pintora e desenhista

Ensaios

Claudenir de Souza, de São Paulo – Com o título “**O trabalho doméstico**”, o texto traz o depoimento de Laudelina de Campos Melo, liderança negra que fundou, em 1936, a primeira Associação de Domésticas do Brasil. Por meio dela, conhecemos a trajetória das lutas das empregadas domésticas pelos seus direitos trabalhistas e sociais.

Cláudia Marques de Oliveira, de Minas Gerais – Em "O risco de ser mulher negra: entre a emoção e a razão", a autora, de origem afro-indígena, apresenta a história de uma comunidade quilombola de Pedro Leopoldo, de Minas Gerais. Com isso, rasga o véu de invisibilidade que omite a participação de negros e negras daquela região na construção do Brasil.

Doris Regina Barros da Silva, do Rio de Janeiro – O ensaio “**Teias da memória e fios da história: laços e entrelaços**” revisita as memórias de uma infância pobre na periferia de terra batida e sem saneamento de uma grande capital, para reordená-las à luz da universidade e da cultura africana. Agora pedagoga, a autora tece o reconhecimento da afrobrasiliidade, até há pouco desconhecida para ela mesma, com a necessidade de analisar o racismo e as desigualdades sociais que vivenciou.

Patricia Lima Ferreira Santa Rosa, de São Paulo – Em “**Universidade pública, sonho, direito ou pretensão?**”, a filha de nordestinos, nascida na periferia de São Paulo, persegue

seu sonho maior de chegar à USP. Já no curso de enfermagem, percebe que ali, de negros, só estudantes, mesmo assim, apenas 10%. A autora compara o antes e depois das políticas afirmativas do governo Lula para a população negra.

Tássia do Nascimento, de São Paulo – O ensaio “**Vozes-mulheres**” analisa as vozes de mulheres que caminharam na contracorrente da oficialidade histórica. Retira das entrelinhas as histórias de vidas duplamente subjugadas em uma sociedade etnocêntrica e falocêntrica. O poema de Conceição Evaristo “**Vozes mulheres**” foi o fio condutor desse ensaio, por meio do qual a autora faz e refaz sua história familiar.

Menções honrosas

Leila Regina Lopes, do Distrito Federal – A redação intitulada “**Dita – identidade quilombola**” retrata a mãe da autora, mulher negra e quilombola que foi para Porto Alegre, em 1935. A narrativa aborda o sofrimento dessa mulher, a luta para sobreviver e a busca de suas raízes, por meio do resgate de sua família que ficou no quilombo.

Valdenice José Raimundo, de Pernambuco – A redação “**Para além das expressões perversas do racismo: uma história de conquistas**” conta o reconhecimento do racismo na vida da autora e os estudos como forma de superar sua condição. O descobrimento de sua negritude fortaleceu sua luta. Com seu relato, quer contribuir para que as mulheres negras superem o racismo e reconheçam que têm historias de conquistas a serem relembradas como exemplo.

Ângela Maria Benedita Bahia de Brito, de Alagoas – O ensaio “**Negra Ângela: exceção à regra**” é autobiográfico. Relata sua história de negra de classe média, pai médico e mãe professora, que, apesar de tudo, teve uma vida coroada de sucessos, tanto profissional como amoroso. Narra, em estilo simples, suas lutas e vitórias, destacando a presença da discriminação contra a população negra no percurso da sua vida.

Jurema Pinto Werneck, do Rio de Janeiro – O ensaio intitulado “**Macacas de auditório? Mulheres negras, racismo e participação na música popular brasileira**” mostra que a música dos negros foi fundamental para a consolidação da indústria cultural nos anos 40 e 50. Para a autora, o rádio permitiu o surgimento das cantoras negras como Araci Cortes, Aracy de Almeida, Carmem Costa, Dolores Duran e Elza Soares. E analisa o termo “macacas de auditório” fora dos estigmas, para compreendê-lo como tática de participação e expressão na música popular brasileira.